

NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA: DEVOÇÃO À PADROEIRA DA CIDADE DE SÃO PAULO EM TEMPOS DE CALAMIDADE

Leonardo Caetano de Almeida (Universidade Federal de São Paulo – Unifesp)ⁱ

RESUMO

O culto a Nossa Senhora da Penha de França, devoção oriunda da Espanha, estabeleceu-se na cidade de São Paulo em 1667. Desde então, a piedade popular desenvolvida em torno da imagem da Virgem foi primordial para que essa invocação se estendesse a todos os recantos da capital paulista, de tal maneira que o poder público, representado pela Câmara, passou a recorrer à sua intercessão pelo fim de pestilências e crises hídricas que se abatiam sobre a cidade de forma recorrente pelos séculos XVIII e XIX. Municípios e autoridades, afligidos, sobretudo, pela varíola e as secas, acabaram por aclamar Nossa Senhora da Penha Padroeira da cidade de São Paulo – o que se refletia no cotidiano urbano, especialmente em épocas de transladações da imagem à Sé. E nas agruras impostas pela presente pandemia permanece ainda viva tal experiência religiosa.

PALAVRAS-CHAVE

Nossa Senhora da Penha; epidemias; secas; devoção; padroeira de São Paulo.

Primórdios e Consolidação da Devoção em São Paulo

A devoção a Nossa Senhora da Penha de França, invocação originariamente espanhola, datada de 1434, da região de Salamanca, após se irradiar para Portugal, chegou ao Brasil ainda no século XVI. São estes os primeiros santuários dedicados à Virgem da Penha no país: Vila Velha (1558), Rio de Janeiro (1635), Recife (1642) e São Paulo (1667). Interessa-nos, aqui, contudo, o desenvolvimento do culto a Nossa Senhora da Penha na capital paulista durante períodos críticos da história paulopolitana, marcados por sucessivas crises epidêmicas e hídricas, notadamente nos séculos XVIII e XIX.

O atual bairro da Penha de França, região Leste da cidade de São Paulo, tem início com a construção de uma capela dedicada a Nossa Senhora da Penha de França erguida pelo Padre Jacinto Nunes de Siqueira no alto de uma colina. “No solo adquirido anteriormente a 10 de fevereiro de 1667 (...), é que Padre Jacinto fundou a igreja, fixou sítio e residência, reuniu servos, lavrou a terra e prosperou” (BOMTEMPI, 1996, p. 30).

De acordo com Arroyo (1954, p. 176-177), uma outra versão, de caráter lendário e piedoso, sobre a chegada da imagem da Virgem àquele penhasco, então uma região de rota e pouso para os que iam ao Rio de Janeiro, atribui a vinda da escultura a um viajante francês que por ali pernoitou em 1667.

Convém aqui apontarmos que a referida imagem, de procedência e autor desconhecidos (mas com traços bastante característicos do Barroco português), é uma escultura de madeira policromada, típica da imaginária seiscentista. Nela a Virgem Maria carrega o Menino e está representada com vestes e atributos reais: manto, cetro e coroa. Com efeito, de acordo com Argan (2004, p.102), a

imagem devocional já aparece na pintura maneirista tardia, com a função de dar à prece um objeto sensível. No século XVII ela se torna um instrumento da prática devota e um “gênero” da figuração histórico-religiosa; está sempre ligada a uma prática específica de devoção, às vezes a preces específicas; tem uma função mais exortativa que representativa ou de celebração; e é simplificada a fim de prestar-se mais facilmente à repetição e a uma maior divulgação.



Figura 1. Nossa Senhora da Penha de França. Século XVII. Autor e procedência desconhecidos. Madeira dourada e policromada, tecido. Basílica de Nossa Senhora da Penha – São Paulo – SP. Foto: Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora da Penha – São Paulo – SP.

A Padroeira da Cidade: entre epidemias e secas

A citada imagem da Senhora sempre contou com uma aura “miraculosa” no imaginário do povo paulistano desde o século XVII, conforme perenizado pela história e a tradição oral. A devoção dos fiéis se estendeu, contudo, para a esfera política à medida que a Câmara assumia oficialmente a postura de porta-voz da população a qual encontrava em Nossa Senhora da Penha o remédio eficaz e derradeiro para o mal da “bexiga” (como era denominada popularmente a varíola) e as secas que assolavam a cidade e a Província de outrora. Nesse sentido, conforme documento encontrado no *Registro Geral da Câmara de S. Paulo* e apresentado por Arroyo (1954, p. 177-178), é datada de 1744 a Carta enviada pela Câmara ao Bispo do Rio de Janeiro, na qual se encontra o primeiro registro de preces feitas a Nossa Senhora da Penha por ocasião de grandes secas que flagelavam o povo.

Com a criação da Diocese de São Paulo em 1745, a então igreja matriz da cidade foi elevada à dignidade de Sé Catedral. Principiou-se, assim, o costume de se transladar a imagem da Virgem desde sua capela no longínquo povoado da Penha de França até a Catedral de Nossa Senhora da Assunção na região central, a fim de favorecer o acesso do povo aflito e vitimado da cidade (como costumava-se referir à região central) e de suas vilas àquela escultura que lhe era tão cara. Daquele núcleo urbano, acreditava-se, a intercessão da Mãe de Deus estender-se-ia a toda a cidade e à Província. Recorda-nos Martins (2003, p. 381), em seus escritos acerca da história e do cotidiano da cidade de São Paulo, das grandiosas solenidades que se realizavam em louvor a Nossa Senhora da Penha enquanto sua imagem encontrava-se na Sé, sempre com imenso concurso de povo às missas, novenas e procissões:

Essa e outras festividades, que na Sé Catedral celebravam-se em louvor da mesma Virgem da Penha, quando se achava aqui, eram feitas a expensas do povo, que, cheio de fé pelos seus milagres, dava, com o maior prazer, o seu óbolo para aquele fim.

Nesse sentido, aponta-nos Arroyo (1954, p. 178), “a imagem teria vindo pela primeira vez para a cidade em 1768”. O autor faz referência, desse modo, a uma carta encaminhada pela Câmara ao cabido da Sé Catedral, em 9 de fevereiro de 1768, solicitando a vinda da imagem da Penha de França para aplacar as moléstias que se abatiam sobre a cidade e suas vilas.

De acordo com Arroyo (1954, p. 179), conforme conta nas atas da Câmara, a imagem de Nossa Senhora da Penha teria sido transladada à Sé

para receber as preces e promessas dos habitantes nos seguintes anos: 1768, 1780, 1783, 1791, 1816, 1819, 1841, 1842, 1846 (seca), 1847, 1858 (varíola), 1859 (varíola), 1863 (varíola), 1864, 1867, 1869 (seca), 1873 (varíola), 1875 (varíola) e 1876, quando então se deu a sua última vinda

Por sua vez, Martins (2003, p. 283) afirma que

a primeira vez que a imagem da Senhora da Penha veio para esta Cidade foi, segundo consta, em 1814, tendo vindo também a mesma Senhora nos seguintes anos: em 1846, por causa da seca; em 1858 e 1863, por causa da epidemia de varíola; em 1869, por causa da grande seca que então assolava não só esta Capital como todo o interior da antiga Província; e em 1873 e 1875, por causa da epidemia de varíola; havendo a mesma imagem vindo por diferentes motivos no período decorrido de 1815 e 1845 e que, por não conseguirmos saber ao certo as épocas em que veio, deixamos de mencioná-la.

Confrontando as datas apresentadas pelos dois historiadores da capital paulista, percebemos que a relação de anos apontada por Arroyo, apoiado nos registros gerais da Câmara, é mais precisa e completa que a de Martins, muito embora haja diversas coincidências entre ambos. Os autores, entretanto, são concordes ao evidenciar-nos que a maior motivação das transladações foi a ocorrência de epidemias de varíola (e possivelmente de outras doenças comuns à época), seguidas das crises hídricas observadas em São Paulo, normalmente associadas à carência de um plano eficaz de abastecimento, aos períodos de poucas chuvas e às condições nada favoráveis à salubridade no espaço urbano.

A bem da verdade, a população tinha verdadeiro horror só em ouvir falar da implacável “bexiga” (varíola), presente e recorrente na capital paulista desde os seus primórdios. “A fé do povo em Nossa Senhora da Penha atingia, muitas vezes às raias do desespero, principalmente nos casos de bexiga ou varíola” (ARROYO, 1954, p. 179).

As transladações da imagem à Sé influíram também no cotidiano de São Paulo e no traçado urbano do caminho entre a cidade e o outeiro da Penha.

Marcadamente devocional, a estrada para o bairro (atualmente Avenida Rangel Pestana, continuada pela Avenida Celso Garcia) conservou por longo tempo e não por acaso o nome de Nossa Senhora da Penha de França (BOMTEMPI, 2001, p. 99).

Fato é que essas avenidas serviam tanto para a ida e o retorno da imagem entre cidade e bairro quanto para favorecer o trânsito de romeiros e peregrinos que desfilavam aos milhares em carros de boi enfeitados rumo à Penha para participar das Festas da Padroeira em 8 de setembro, uma das maiores da cidade. Chamadas “Avenidas religiosas” por Arroyo (1954, p. 179), essas vias que constituem o caminho para a Penha remetem-nos ao conceito da “função devocional” das vias urbanas de que nos fala Argan (2004, p. 73), claro que adaptado ao contexto colonial brasileiro.

O fervor religioso da população em torno de Nossa Senhora da Penha, bastante intensificado graças às transladações da imagem nos séculos XVIII e XIX, culminou com a aclamação popular da Virgem como Padroeira da cidade de São Paulo. Esse título e o culto a Nossa Senhora da Penha se mantiveram no ideário e na religiosidade do povo paulistano mesmo após a interrupção das transladações à Sé, que se deu em 1876, motivada pelo descontentamento dos habitantes e do vigário da Freguesia da Penha de França e também pela figura de Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, então Bispo de São Paulo, de mentalidade romanizada e conservadora, o qual demonstrava forte reprovação à religiosidade popular consoante nos afirma Camargo (2007, p.32).

Heranças e Ecos do Culto à Virgem da Penha em São Paulo

O reconhecimento pontifício de Nossa Senhora da Penha como Padroeira da cidade de São Paulo veio somente muitos anos mais tarde, em 1985, no documento com que o papa João Paulo II elevou a nova igreja da Penha à dignidade de Basílica Menor. Diversos elementos artísticos presentes no antigo santuário e na nova Basílica perpetuam o Patronato da Virgem da Penha em relação à cidade. No entanto, aquele que tem maior evidência, certamente, é o painel-vitral tripartido que se encontra sob o coro da Basílica e pode ser observado tanto da nave quanto do endo-nártex do edifício.

No vitral em questão está retratada uma das procissões de transladação da imagem desde a velha igreja da colina da Penha até a primitiva Sé de São Paulo. Uma espécie de flâmula ou bandeirola ostentada num mastro (ou seria uma árvore?) disposto na cena contém a seguinte inscrição, que, erroneamente, faz referências

aos séculos XVII e XVIII, e não aos XVIII e XIX, em consonância com o que apresentamos anteriormente: “NOSSA SENHORA DA PENHA ACLAMADA POPULARMENTE PADROEIRA DE SÃO PAULO EM SUAS PEREGRINAÇÕES CONSTANTES A CATEDRAL SÉCULOS XVII E XVIII”.



Figura 2. Painel-vitral no adro da Basílica da Penha retratando as transladações que culminaram com a aclamação da Virgem da Penha como Padroeira da cidade de São Paulo. (Nesta foto, recortes e montagem com as três partes do painel-vitral, possibilitando melhor observação dos detalhes das cenas retratadas), Basílica de Nossa Senhora da Penha – São Paulo – SP, 2018. Foto do autor.

Conforme registros do jornal *O Estado de S. Paulo* de 28 de fevereiro de 2015 (p. E7) e de 23 de março de 2015 (p. A12), a tradição de se invocar Nossa Senhora da Penha especialmente por conta de calamidades públicas foi retomada em 1957 e, posteriormente, no ano de 2015. Em ambas as ocasiões, grave crise hídrica que se abateu sobre a cidade é que motivou a transladação da imagem à Sé.

Por fim, mais recentemente, em 7 de setembro de 2020, em decorrência da pandemia gerada pelo novo Coronavírus, novamente a imagem da Virgem foi levada da Penha à Catedral, desta vez por meio de uma carreata segundo relata o jornal *O São Paulo*, de setembro de 2020 (p. 12), evidenciando que a devoção à Padroeira da cidade resiste e persiste até o presente, mormente em tempos de calamidades, muito embora de maneira mais discreta se comparada aos séculos passados, mas ressignificando tradições que atravessam os tempos e evidenciam o humano apego ao Sagrado frente às vicissitudes da História.



Figura 3. Transladação da imagem de Nossa Senhora da Penha para pedir a chuva em 22/3/2015. A imagem foi trazida em cortejo de motoqueiros da Penha de França até a Igreja da Consolação. De lá, foi levada em procissão pelo Centro Histórico de São Paulo (conforme se observa na foto) até a Catedral da Sé. Durante a passagem do cortejo, registrou-se chuva na região central da cidade. Foto do autor.

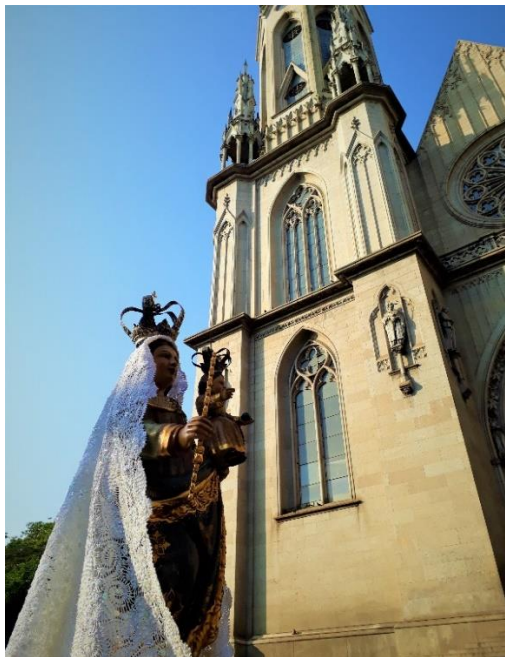


Figura 4. Transladação da imagem de Nossa Senhora da Penha à Sé para pedir pelo fim da pandemia de Covid-19 em 7 de setembro de 2020. Da Catedral, a imagem foi reconduzida à Basílica da Penha de França em procissão-carreata pelo mesmo itinerário percorrido quando das transladações nos séculos passados: Avenidas Rangel Pestana e Celso Garcia. Foto do autor.

Referências

ARGAN, Giulio Carlo. **Imagem e Persuasão: Ensaio Sobre o Barroco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ARROYO, Leonardo. **Igrejas de São Paulo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

BOMTEMPI, Sylvio. **Penha de França – O fundador e a data de fundação**. São Paulo: Copilete Gráfica, 1996.

_____. **Penha Histórica**. São Paulo: Universidade Cruzeiro do Sul, 2001.

CAMARGO, Luís Soares de. **Viver e Morrer em São Paulo**: a vida, as doenças e a morte na cidade do século XIX. 552 p. Tese (Doutorado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orientação Deise Bernuzzi de Sant'Anna. São Paulo, 2007.

GERONAZZO, Fernando. Paulistanos festejam Nossa Senhora da Penha. **O São Paulo**, São Paulo, 10 a 15 set.2020, p 12.

MARTINS, Antonio Egydio. **São Paulo antigo: 1554 – 1910**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MAYRINK, José Maria. D. Odilo convoca procissão pela chuva. **O Estado de S. Paulo, São Paulo**, 28 fev.2015. Metrópole, p. E7.

RESK, Felipe. Chuva 'abençoa' a procissão de Odilo. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 23 mar.2015. Metrópole, p. A12.

ⁱ Leonardo Caetano de Almeida, graduado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP) e em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC), atualmente é mestrando em História da Arte pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e desenvolve trabalhos como desenhista de Arte Sacra. – lecal08@uol.com.br